



O Jornal da Comunitária e o Uso dos Gêneros Jornalísticos¹

Bárbara AVRELLA²

Daniela SILVEIRA³

Gabriella Yasmin BELLÉ⁴

Débora Cristina LOPEZ⁵

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

Resumo

Neste trabalho é feita a análise dos gêneros jornalísticos entrevista e reportagem dentro do “Jornal da Comunitária”, veiculado pela Rádio Comunitária FM 97.9 de Frederico Westphalen. Para tanto, realiza-se uma análise simplificada no período referente aos dias 22 a 26 de março de 2010, utilizando como base os estudos de gênero informativo e interpretativo de Beltrão e a classificação de entrevista e reportagem de diversos autores. Além disso, faz-se um breve histórico das rádios comunitárias tendo como suporte Peruzzo. Dentro desse estudo, conceitualiza-se os gêneros, sua forma de abordagem e espaço despendido dentro do objeto de estudo.

Palavras-chave: Jornal da Comunitária; gêneros jornalísticos; entrevista; reportagem.

Introdução

Rádios livres, ilegais, piratas ou apenas comunitárias? As rádios comunitárias foram legalizadas em 1998, após sancionada a lei 9.216 - Lei do Serviço e Radiodifusão Comunitária. Tem como papel fundamental a democratização dos meios de comunicação, transmitindo informações e divulgando os fatos locais voltados à comunidade. O número de rádios comunitárias vem crescendo a cada dia. Estima-se que o número de emissoras legalizadas ultrapassa 3 mil (GIRARDI e JACOBUS, 2009).

A Rádio Comunitária FM de Frederico Westphalen, que opera na frequência 97.9, foi ao ar pela primeira vez em 15 de maio de 2003. Surge diante da necessidade de

¹ Trabalho apresentado no IJ – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo do Cesnors – UFSM, e-mail: barbara.avrella@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo do Cesnors – UFSM, e-mail: danielasilveira88@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo do Cesnors – UFSM, e-mail: gabriella.belle@hotmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Cesnors – UFSM, e-mail: deboralopezfreire@gmail.com



dar voz a comunidade. Tem como principal produto jornalístico o Jornal da Comunitária, transmitido de segundas às sextas-feiras, das 12 às 12h 45min. Esse se trata do nosso objeto de análise, observado nos dias 22 a 26 de março de 2010.

Em todo tipo de produto jornalístico, necessita-se de recursos que determinam a finalidade das informações, os quais chamaremos de gêneros jornalístico. Estes são utilizados como transmissores de informação, como caminhos de interpretação ou como métodos de divulgar opiniões, que são conhecidos como gêneros informativo, interpretativo e opinativo⁶. No entanto, no JC não há presença do opinativo, por isso, não o trabalharemos. Dentro dos gêneros citados, encontramos a entrevista e a reportagem, as quais serão o principal foco da análise, trabalhadas quanto as formas de abordagem, seus métodos e o tempo dispensado para cada tipo de gênero.

Rádio Comunitária: A rádio para todos

Rádios livres. Esse foi o primeiro formato das rádios comunitárias. Essas rádios livres surgiram na década de 70, com o mesmo objetivo das comunitárias, que seriam oficialmente legalizadas em 1998, quando a Lei do Serviço e Radiodifusão Comunitária (9.216) foi sancionada. A lei atribui à rádios com baixa frequência, onde o sinal de alcance é pequeno, o poder de democratização dos meios de comunicação, prestando serviços à comunidade, atendendo a população local, fazendo com que esta se aproxime do seu público alvo.

As rádios chamadas comunitárias devem ser realmente democráticas. A sua grande vantagem sobre as rádios comerciais é justamente a possibilidade de qualquer pessoa da comunidade participar. Além disso, são mais específicas, falam sobre assuntos locais, que dizem respeito à comunidade e que normalmente não são noticiados em emissoras comerciais. Assim, são capazes de mobilizar a população a buscar melhorias na qualidade de vida, mudanças no que não está sendo cumprido nem atendido. (PRADO, 2009, p.10)

Para o funcionamento de uma rádio comunitária, além do equipamento transmissor com aprovação da ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) na potência máxima de 25 Watts⁷, diretamente voltado para rádios comunitárias, é necessária a aceitação do Governo Federal, encaminhada pelo Ministério da Comunicação. Funcionam em frequência modulada (FM) com raio de um quilômetro a partir de sua antena transmissora.

⁶ [...] Podemos definir o jornalismo opinativo como aquele que expressa uma opinião em juízo de valor e respeito de um fato. Isto é, [...] a informação contém a posição político – ideológica do veículo, ou do grupo que a financia. (VIEIRA, 2000, p.22)

⁷ Unidade de potência



Acredita-se que o número de rádios comunitárias legalizadas, conforme a lei 9.216/98, já passa de 3 mil. Atualmente, rádios livres são chamadas de ilegais ou, popularmente conhecidas como piratas. Estas são tidas como ilegais conforme a Lei 4.117/62, que proíbe qualquer telecomunicação de funcionar sem a autorização do Governo. Conforme Girardi e Jacobus (2010) o número de rádios ilegais pode ultrapassar 15 mil.

Diferentemente das rádios comerciais⁸, as comunitárias não podem ter inserção de comerciais durante a sua programação, salvo na forma de apoio cultural⁹. Os seus objetivos não visam fins lucrativos. Segundo Lorini, o caráter político também envolve rádios comunitárias e comerciais.

As elites da radiodifusão não querem dividir o poder da palavra. Sempre monopolizaram o uso dos meios de comunicação para disseminação de sua visão de mundo e defesa dos interesses das classes dominantes. As rádios comunitárias rompem essa situação ao transmitirem a voz das classes populares, a partir de seu modo de falar e das condições de existência de cada localidade. Então, a rádio comunitária (se) mobiliza em torno das demandas por mudanças sociais e isso não agrada (a) alguns setores das classes dominantes. (Peruzzo, 2005, p. 2)

A programação de uma rádio comunitária é totalmente voltada à comunidade. Os interesses da comunidade local devem ser atendidos, destacando-se programas de lazer, prestação de serviços e noticiários, os quais podem ser com notícias locais até mundiais, desde que a ênfase seja nas locais e de um ponto de vista diferenciado dos grandes veículos (Lorini, 2010). O público local deve se identificar, sentir-se próximo da rádio comunitária que o serve. É o que ocorre na Rádio Comunitária 97.9 FM de Frederico Westphalen.

A Rádio Comunitária de Frederico Westphalen, localizada na região norte do Rio Grande do Sul, é o resultado de um projeto iniciado em 22 de março de 2003, dando origem a Associação Frederiquense de Radiodifusão Comunitária. A primeira transmissão foi em 15 de maio desse mesmo ano (KOCHHANN, 2010).

⁸ São um serviço de radiodifusão sonora com frequência modulada direcionado a empresários de pequeno porte, médio a grande porte da área da comunicação. Nele as concessionárias e permissionárias possuem total liberdade para exploração comercial, não esquecendo, dos limites da lei (www.sam.int.br).

⁹ Visa atrair parceiros que apoiem projetos culturais e artísticos na troca de terem as suas marcas, e não produtos destacados.



A emissora, além de atingir os habitantes da cidade de Frederico Westphalen, tem capacidade de ser ouvida em alguns municípios vizinhos, como Ametista do Sul e Vista Alegre.

O funcionamento da 97.9 conta com um quadro de funcionários exclusivos, mas aposta no diferencial: colocar a comunidade no ar. A emissora conta com alguns colaboradores, que se dispõem a apresentar alguns quadros da programação. Por esse motivo, muitas vezes o aspecto jornalismo da rádio é deixado de lado, já que a apresentação e produção de alguns programas não necessita de alguém que atue na área do jornalismo, e sim da comunidade.

A programação da Rádio Comunitária começa às 6 horas da manhã e permanece ativa até à meia-noite. Seus programas são uma mescla de entretenimento e informação, com programas musicais, culturais e jornalísticos. Dentre os jornalísticos, o de maior destaque e que está na programação desde as primeiras transmissões é o Jornal da Comunitária, com duração de 45 minutos, começando às 12h.

A produção do JC começa às 8h 30 min, com uma pesquisa em sites e em agências para ver o que está em evidência. Como o perfil da rádio é totalmente voltado à comunidade, esta tem por direito sugerir pautas, trabalhar junto na programação, com sugestões e ideias que possam melhorar o que vai ao ar.

Transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local;(...) permite a participação ativa das pessoas residentes na localidade e de representantes de movimentos sociais e de outras formas de organização coletiva na programação, nos processos de criação, no planejamento e gestão da emissora.(PERUZZO, 2005)

Essas pautas e sugestões, bem como o que está acontecendo na cidade é o que pretende-se analisar na sua forma de abordagem dentro do jornalismo. Essas formas de abordagens são os gêneros jornalísticos e, os que estão presentes no Jornal da Comunitária são o interpretativo e o informativo.

Gêneros Jornalísticos

O conceito de gênero vem da literatura, e adaptou-se ao jornalismo com o passar do tempo. Segundo Estrela Serrano (2002), “cada gênero emprega determinadas estratégias textuais que orientam os leitores, criando-lhes um “horizonte de expectativas” relativamente a determinadas formas discursivas”.



Neste trabalho, daremos ênfase aos gêneros no rádio, tomando como base os estudos relacionados ao jornalismo impresso, tendo em vista a escassez de materiais relacionados ao assunto na área em que pretendida.

Mas, enfim, o que é gênero? Martines Albertos (apud, ORTIZ; MARCHAMALO, 2005) define gêneros “como as diferentes modalidades da criação literária destinadas a ser divulgadas através de qualquer meio de difusão coletiva”.

Os gêneros recebem diferentes definições na literatura e no jornalismo. Para Seixas (2009), “o principal critério de definição para o gênero no campo jornalístico é o critério de função (finalidade)”.

Os elementos de um sistema cumpriram diversas funções. Era preciso compreender a relação entre as funções destes elementos com o sistema. Daí surgem as preocupações com a diferenciação entre tipos e gêneros, o conceito de dominante (Jakobson), de onde se origina a teoria das funções da linguagem, teoria esta que deu origem ao principal fundamento de classificação de gênero no jornalismo: a finalidade. (SEIXAS, 2009, p. 26)

Luiz Beltrão, pesquisador que estudou sistematicamente os gêneros, dividiu-os em três categorias distintas segundo sua finalidade: informativo, opinativo e interpretativo. “Informação é o ato de levar um fato ao conhecimento de outrem” (Beltrão, 1969, p.81). Assim, o autor define o gênero informativo, e classifica-o em: notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem. Além desses gêneros, José Marques de Melo, pesquisador que deu continuidade aos estudos sobre gênero, acrescenta ao informativo a entrevista, item trabalhado em nossa análise.

A notícia é a matéria prima do jornalismo, onde os fatos serão relatados ou narrados, como diz Beltrão. Notícia é um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos, normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante que merece publicação numa veículo de comunicação. O autor diz ainda que “a notícia é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou tem importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82).

As notícias recebem atributos que determinam sua noticiabilidade¹⁰: proximidade, proeminência, consequências, raridade, conflitos, idade e sexo, progresso, drama e comédia, política editorial e exclusividade.

¹⁰ É um valor subjetivo que determina a importância que um fato ou acontecimento tem para ser noticiado.



Estes critérios são responsáveis pela divulgação ou não de um fato, como, por exemplo, o público estará mais interessado em notícias que estejam próximas dele, que tragam alguma consequência ao seu cotidiano, algo que seja novo, sobre pessoas de destaque, enfim, aquilo que será publicado, deve ser de interesse da população.

A reportagem e a entrevista serão abordadas em um capítulo a parte mais profundamente, mas de forma geral, a reportagem, para Beltrão (1969, p. 195), refere-se ao relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos.

A reportagem não deixa de ser uma notícia, porém, ela recebe um tratamento mais elaborado e de maior destaque, não sendo, necessariamente, factual. Segundo o autor, o que difere os dois gêneros, é a dinâmica da fonte de informação. A notícia diz respeito a algo que está acontecendo, ou irá acontecer; já a reportagem, aborda algo que já pode ter ocorrido ou que está acontecendo.

Beltrão (1969, p. 175) define “entrevista como a técnica de obtenção de matéria de interesse jornalístico por meio de perguntas a outrem”. Para o autor, a entrevista é o “prato de substância” da imprensa contemporânea, porque através da entrevista, o texto adquire mais credibilidade pois, traz as informações pela voz de quem vivenciou aquele acontecimento.

Histórias de interesse humano, segundo Beltrão (1969, p. 377), são breves reportagens produzidas a base de fatos diversos, que se registram em qualquer compo da atividade dos indivíduos e da vida da comunidade. O objetivo deste tipo de reportagem, é tocar as emoções do expectador, então, pode não haver uma notícia relacionada a ela.

Os apelos da reportagem de interesse humano não são os apelos que se mostram eficazes na vida diária. A simpatia do leitor volta-se para os que passam desamparo, solidão, pobreza, sofrimento, súbita privação. A ansiedade do leitor é suscitada, ao ouvir sobre a ansiedade dos outros. A luta pela vida e a batalha pela existência são os mais poderosos de todos os ângulos de interesse do leitor. A qualidade artística da redação, na reportagem de interesse humano, nunca deve desaparecer. A narrativa conduz o leitor ao clímax e, talvez, a um entretenimento, no fim, que pode ser a chave de toda a narrativa. (BOND, s/d).

Desde a pré-história, os homens informam através de imagens. Assim, no jornalismo atual, tanto impresso, como on-line, as fotografias, gráficos, caricaturas, enfim, todo tipo de imagem, pode complementar as informações escritas, ou falar por si só. Beltrão (1969, p. 394) diz: “o agente da comunicação ilustrada procura, pela



imagem, dar a visão sintética e completa do acontecimento, e ser imediatamente compreendido pelo observador [...], independente do grau de cultura que detenha ou o idioma que fale”.

Jornalismo interpretativo, segundo Beltrão (1976, p. 26), “é aquele que busca a ligação entre os fatos. É o esforço de determinar o sentido de um fato através da rede de forças que atuam neles”.

[...] Podemos dizer que o jornalismo interpretativo busca analisar o fato, a notícia de acordo com o contexto social em que se insere. Isto é, o jornalismo interpretativo permite ao leitor fazer sua própria análise da situação ou do fato que está sendo veiculado. (VIEIRA, 2000, p. 22)

Beltrão (1976, p. 73) afirma ainda que “o jornalismo interpretativo enfatiza critérios de valoração específicos, mediante os quais identifica o objeto de maior importância e interesse para o seu público, trabalhando-o, então, exaustivamente”.

Segundo Lopez e Mata (2009, p. 12), “com o jornalismo interpretativo o jornalista vai contextualizar melhor o destinatário da mensagem sobre o que está acontecendo e quais as principais conseqüências do fato ocorrido”. O jornalismo interpretativo tem a função de ampliar a informação dada na notícia, caracterizando-a como reportagem em profundidade. Nesta modalidade do jornalismo, as notícias mesclam-se com elementos literários. Nela, descrevem-se casos ou grupos particulares, enquanto eles representam todo o acontecimento.

Entrevista

Dentro dos gêneros jornalísticos encontramos a entrevista, uma das mais tradicionais formas de apuração da notícia. “A entrevista é uma expansão da consulta às fontes, objetivando a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2006. p.73).

Para Beltrão (apud LOPEZ;MATA, 2009) “na entrevista, misturam-se a provocação do jornalista e a sua força descritiva com a reação e os comentários do entrevistado, nas réplicas às questões formuladas”. Uma entrevista não seria assim denominada se não houvesse o princípio da ação e reação, enquanto o jornalista age, formulando e aplicando perguntas, o entrevistado reage através de respostas, comentários e demais estímulos que sejam necessários.



As entrevistas realizadas pessoalmente rendem muito mais do que aquelas feitas ao telefone, por exemplo, pois em uma entrevista “cara a cara” as perguntas fluem com mais facilidade e, conseqüentemente, o produto final será de melhor qualidade.

“Enquanto o convidado responde a uma pergunta, o entrevistador está preparando mentalmente a seguinte, fato este que tem como conseqüência a perda de informações que poderiam dar origem a outras questões ou comentários” (ORTIZ, 2005). Muitas vezes a pressa, a inexperiência e até a falta de atenção fazem com que o entrevistador não se detenha aos pequenos detalhes, estes inúmeras vezes são fundamentais para o desenrolar da história. Antes mesmo de o entrevistado concluir sua fala, o repórter já está pensando no que deverá perguntar em seguida, uma resposta que poderia se tornar “gancho”¹¹ para uma nova pergunta, com freqüência passa despercebida.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA apud CAPUTO, 2002, p.8).

Não só os meios de comunicação se utilizam da entrevista - quando conversamos informalmente com um amigo ou qualquer outra pessoa estamos usando da entrevista, já que nesta conversa há um jogo de perguntas e repostas.

De acordo com Nilson Lage as entrevistas podem ser classificadas conforme os objetivos: ritual, temática, testemunhal e em profundidade. Ainda, quanto as circunstâncias de circulação: ocasional, confronto, coletiva e dialogal.

Já Amaral (apud CAMPOS, 2002) define a entrevista em dois tipos: de informação ou opinião e entrevista de perfil. Informação ou opinião é quando se entrevista uma autoridade, um líder ou um especialista. A entrevista de perfil é quando entrevista-se uma personalidade para mostrar como ela vive, e não somente para expressar sua opinião.

Mcleish (2001) ainda destaca três tipos de entrevistas: informativa, interpretativa e emocional. Informativa: transmite informações aos ouvintes; interpretativa: o entrevistador fornece os fatos e o entrevistado comenta-o ou explica-o; emocional: dar uma ideia do estado de espírito do entrevistado, mostrando seu lado humano.

¹¹ Pretexto que gera a oportunidade de um trabalho jornalístico. Um fato que se ligue, que dê margem a outro, que sirva de ponte, de gancho, enfim, para a notícia.



“A entrevista, além de ser um gênero específico, é uma técnica que dá vida a todos os outros gêneros. Pois, é através dela que toda produção jornalística é obtida” (LOPEZ; MATA, 2009). O que seria de uma reportagem ou de um documentário sem a entrevista? Será que as produções jornalísticas, sejam elas radiofônicas, televisivas ou de outros meios sobreviveriam sem ouvir depoimentos, comentários ou as opiniões das pessoas envolvidas? Provavelmente não, pois o jornalismo é feito de informações, e estas são trazidas através das entrevistas, independente de sua abordagem fazem parte do cotidiano jornalístico.

Reportagem

A reportagem é um dos gêneros radiofônicos mais usados, principalmente, em emissoras de grande porte, já que estas possuem melhores condições técnicas e uma equipe mais preparada para realizar este tipo de produção.

Para Ortiz (2005) reportagem é “o relato ou exposição de um fato noticiável por meio de testemunhos selecionados e ambientes sonoros montados de forma ordenada”. O autor afirma ainda se tratar de “um gênero radiofônico de caráter periódico que admite todo tipo de recursos”. A reportagem não acontece de uma hora para outra, há um planejamento: escolhe-se com quem se vai conversar, que métodos serão utilizados e suas formas de tratamento.

Em reportagens as trilhas, músicas, sons ambientes são muito importantes para definir o seu caráter. Por exemplo, se for uma reportagem sobre crianças desaparecidas, não se deve usar uma trilha alegre, use algo que seja conveniente com o assunto trabalhado.

Ainda, Beltrão (apud LOPEZ; MATA, 2009) destaca que reportagem é “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos”. A maioria das reportagens são feitas de temas polêmicos e atuais, assuntos que a população tem interesse, mostrando principalmente algum ponto sobre o tema em discussão que ainda não tenha sido abordado.

De acordo com Pena (2008) a reportagem é classificada quanto à produção e segundo constatações das rotinas jornalísticas. Quanto à produção a reportagem pode ser: investigativa, interpretativa e novo jornalismo. Já nas constatações das rotinas jornalísticas, a reportagem é dividida por: perfil, de fatos, polêmica, monotemática, de



ação e documental. Dentre essas rotinas vamos destacar a documental – traz a demonstração documental da perspectiva com que o tema é abordado; de fato - aproveita a dramaticidade de um fato e aprofunda seu conhecimento, abrindo novos conceitos, tem-se o entendimento de causa e efeito; estas por terem maior presença no Jornal da Comunitária. De ação - fato dinâmico, impactante e complexo, clima cinematográfico, nervoso, por exemplo, fatos policiais e violência. Ganha destaque por ser inexistente no programa, o JC destaca o jornalismo policial em notas e notícias.

Segundo o jornalista José Hamilton Ribeiro a reportagem deve ter alguns quesitos essenciais: originalidade do tema de tratamento, objetividade, trabalho do repórter, propriedade de edição, clareza, autenticidade, significância, personagens, emoção, empatia, audiência, correção do texto, gancho e conteúdo (BARBEIRO; LIMA, 2003). Certamente, se nenhum desses quesitos forem trabalhados não estaremos falando de reportagem, mas sim de alguma outra forma de tratamento da notícia que com certeza não se chamará “reportagem”.

A reportagem é uma narrativa onde existe um fato ou um personagem principal, onde se buscam depoimentos com os envolvidos no assunto, para que desta forma se crie uma história, e esta seja repassada ao público que deverá tirar suas próprias conclusões sobre o tema abordado. A partir desses dois gêneros radiofônicos destacados, analisaremos a forma com que a Rádio Comunitária 97,9 FM trabalha os mesmos dentro do radiojornal do meio-dia.

Os Gêneros Jornalísticos e suas Abordagens no JC

O nosso objeto de análise é o “Jornal da Comunitária” que vai ao ar das 12h às 12h 45 min horas de segundas à sextas-feiras, pela rádio Comunitária FM 97.9. Trata-se do principal produto jornalístico da emissora. Sendo assim, analisamos as edições de 22 a 26 de março de 2010, observando como os gêneros entrevista e reportagem são abordados dentro das edições.

Neste período, notamos que há uso da entrevista como fonte para reportagens. Esse é um dos recursos para tratamento da notícia, em que utiliza-se a entrevista como único meio de apuração para reportagens, ou seja, fonte única, não que, necessariamente, apenas uma pessoa seja entrevistada, mas que o método de captação seja apenas um. Observa-se, com isso, que os critérios de noticiabilidade ficam restritos



pela falta de recursos, de equipe e a necessidade de preencher um jornal de 45 minutos, o que representa uma perda de identidade do gênero.

Deste modo, a presença da entrevista é constante no programa, mas não como gênero jornalístico, e sim, como material para reportagens. Partindo da ideia de que isso pode afetar na perda do padrão jornalístico, as entrevistas poderiam, sim, ser utilizadas para reportagem, mas não deveriam ser o único método de apuração. Das cinco edições analisadas, em todas há o uso desse recurso. Como exemplo, temos na primeira edição uma reportagem que teve início como uma notícia. A matéria era sobre a comemoração do “Dia Internacional da Síndrome de Down”, que ocorreu no dia anterior. Aproveitou-se o gancho para explicar sobre a doença. Para tanto, foram utilizados os *offs*¹² do locutor intercalados com a entrevista da psicóloga. Como a abordagem foi maior sob o aspecto da doença do que da data comemorativa, um assunto não factual, a entrevista em forma de reportagem teve duração de 5’19”. Acreditamos que, por se tratar de uma reportagem de esclarecimento, o assunto deveria ser trabalhado por diversos ângulos como, por exemplo, entrevistas de familiares, pessoas com a doença etc. O tempo despendido para a reportagem foi expressivo, mas se fosse realizado com maior aprofundamento e cruzamento de fontes, esse tempo seria melhor aproveitado, evitando a monotonia.

A entrevista como gênero, propriamente dito, encontra-se apenas uma vez durante as edições analisadas. Trata-se de uma entrevista com um dos sócios-proprietários de uma agência de turismo, a qual durou 2’11”. Porém, temos que ressaltar que a mesma não teve fins jornalísticos e sim, comerciais. Quando uma rádio comunitária opta por entrevistar uma possível aposta de apoio cultural, deixa de lado os critérios de noticiabilidade (KOCHHANN, 2010). Quem acaba perdendo com isso é o jornalismo e, conseqüentemente, os ouvintes que buscam por informações. Se pensarmos o papel que uma rádio comunitária deve desempenhar de ser voltada aos interesses da comunidade, sem fins lucrativos, uma entrevista com intenções comerciais com tempo de duração extenso se comparado ao tempo total de conteúdo do programa, vai de encontro aos reais interesses de uma emissora comunitária.

As reportagens que atendem aos quesitos essenciais do gênero jornalístico, presentes nos programas analisados não são de produção própria. Essas são retiradas da Agência Radioweb¹³ e estão presentes em todas as edições. Os assuntos que os

¹² Momento em que o locutor fala durante a matéria ou reportagem.

¹³ A maior agência de notícias para rádios do Brasil.



produtores do JC procuram, não são alheios. Tentam conciliá-los com a comunidade, aproximando-os dos ouvintes. Uma das reportagens retiradas da Agência foi a do dia 23 de março sobre o embate salarial entre governo e professores da rede estadual. Como já foi citado, é um tema de interesse coletivo, onde além de abranger um público específico (professores e governo), afeta toda a comunidade. Tem duração de 1'53”.

Como a maioria dos noticiários das rádios de pequeno porte, o JC dá destaque às ocorrências policiais em forma de notas e notícias. Já que o tema recebe maior ênfase, com um bloco específico, poderia ser tratado com maior profundidade, utilizando o recurso da reportagem de ação, com descrições de cenas, montagens de ambiente, reconstrução do ocorrido etc.

Do tempo total de conteúdo analisado, aproximadamente, 37% foi destinado à entrevistas em forma de reportagens; 1,67% para a entrevista com fins comerciais; 12,64% para reportagens da Agência Radioweb e, o restante para notas e notícias. Isso deixa claro a predominância de notas e notícias sobre os demais gêneros se pensarmos que estas utilizam maior espaço no programa.

Portanto, após a análise, percebemos que os gêneros trabalhados (entrevista e reportagem) não são os de maior predominância no Jornal da Comunitária. Usam a entrevista como fonte única para reportagens no tratamento da notícia e, no momento em que a utilizam como gênero, fizeram – na para fins comerciais. Já, a reportagem é tratada na sua totalidade, quando retirada da Agência Radioweb, ou seja, sem produção própria. Percebe-se então que notas e notícia aparecem em maior número na produção do JC, devido a facilidade de elaboração e captação das informações, com demasiada utilização da Internet. O programa dá destaque ao gênero informativo, quando aborda com maior ênfase notas e notícias, e nas reportagens, tanto nas de produção própria quanto nas retiradas da Radioweb, deixando de lado a forma interpretativa, pois não se aprofunda nos assuntos abrindo novas interpretações aos temas. Embora as entrevistas sejam utilizadas como forma de captação de conteúdo, são abordadas de maneira informativa, quando transmitem informações, e interpretativa, quando o entrevistador fornece os fatos e os entrevistados comenta-os ou explica-os.

Considerações Finais

A proposta inicial desse trabalho foi analisar o uso dos gêneros reportagem e entrevista no Jornal da Comunitária, principal noticiário da Rádio Comunitária 97.9 FM



de Frederico Westphalen. Para tanto, recorreremos a pesquisa bibliográfica afim de compreendemos todos os eixos envolvidos na análise.

Para começar nossa análise, buscamos entender como surgiram as rádios comunitárias, a lei que as ampara, como funcionam, além de suas características e o perfil, enfatizando a Rádio Comunitária de Frederico Westphalen. Trabalhamos os gêneros interpretativo e informativo, os quais são usados no JC. O opinativo foi apenas citado, pois, ele não é utilizado no programa. Dentro desses, estudamos os gêneros reportagem e entrevista, que são os que requerem maior aprofundamento e desempenho na produção.

Após feita a análise, concluímos que, por ser uma rádio comunitária, o número de informações é relativamente maior em relação ao número de profissionais responsáveis pela produção do programa. Por isso os gêneros em questão não são trabalhados como deveriam ser, e sim, de maneira simplificada, facilitando o trabalho dos produtores do programa.

Como foi dito na análise, as entrevistas são utilizadas como meio de apuração para reportagens, valendo-se de única fonte. Já, as reportagens presentes são todas retiradas da Agência Radioweb.

Concluímos, então, que no Jornal da Comunitária, nas cinco edições analisadas, os gêneros reportagem e entrevista não são realizados com produção própria, mas são utilizados como complementos da notícia. Estes, além das notas e notícias, visam uma das principais características de rádios comunitárias: levar informação da comunidade para a comunidade (LORINI, 2010).

Referências Bibliográficas

BARBEIRO, H.; LIMA, P. **Manual de Radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Editora Campus/ Elsevier, 2003.

BELTRÃO, L. **A Imprensa Informativa**. São Paulo: Folco Musicci, 1969. Coleção Mass-Media vol.1.

_____. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BOND, F. **Reportagem de Interesse Humano**. Disponível em: <http://lucajor.vilabol.uol.com.br/interessehumano.htm> acessado em: 02 abr. 2010



CAMPOS, P. **Técnicas de Entrevista.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da130320024.htm> acessado em: 23 mar. 2010

CAPUTO, S. **Sobre Entrevista:** teoria, prática e experiência. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
GIRARDI, I. R; JACOBUS, R. **Para fazer rádio comunitária com “C” maiúsculo.** Porto Alegre: Revolução de Idéias, 2009.

KOCHHANN,R. **Rádio e Tecnologia:** O Processo de Convergência na Produção do "Jornal da Comunitária". Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo). UFSM, 2009, 35p.

LAGE, Nilson. **A reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística,** Rio de Janeiro: Record, 2006.

LOPEZ, D.;MATA, J. **Os gêneros jornalísticos e sua aplicação no radiojornalismo.**

LORINI, A. **O Que é e Como é a Notícia no Jornal da Comunitária.** Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo). UFSM, 2009, 43p.

MECLEISH, R. **Produção de Rádio.** :Summus, 2001

ORTIZ, M. Á; MARCHAMALO, J. **Técnicas de comunicação pelo rádio.** São Paulo: Edições Layola, 2005.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, C. **Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil.**Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>. Acesso em: 24 mar 2010.

_____. **Rádios comunitárias:** entre controvérsias, legalidade e repressão. Disponível em: http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/radio_comunitaria_controversias_legislacao_e_repressao.pdf. Acesso em: 22 mar 2010.

PRADO, E. **A estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus, 1989.

SEIXAS, L. **Redefinindo os gêneros jornalísticos:** propostas de novos critérios de classificação, Covilhã, 2009. Disponível em: www.livroslabcom.ubi.pt acessado em: 23 mar. 2010.

SERRANO, E. **Gêneros jornalísticos na cobertura de eleições:** Diário de Notícias. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/serrano-estrela-generos-jornalisticos-cobertura-eleicoes.pdf> acessado em: 26 mar. 2010.

TELLES, A. **Entrevista concedida a autora em 21 de março de 2010.** Frederico Westphalen, 2009.



VIEIRA, R. **O Jornal Porantim e o Indígena**. São Paulo: Annablume, 2000. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=GFaaq366nsC&printsec=frontcover&dq=o+jornal+porantim+e+o+indigena&hl=pt-BR&ei=OZ26S7WRM4uGuAeNp6S9CA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDEQ6AEwAA#v=onepage&q=&f=false acessado em: 24 mar 2010